



CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA SALA DE AULA: RELAÇÕES INTERPESSOAIS E DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

Natalina Bissaro Siqueira Chaves¹
Paula Tauana Santos²
Ada Augusta Celestino Bezerra³

GT1 - Educação de Crianças, Jovens e Adultos

RESUMO

O presente artigo analisa a importância da afetividade em sala de aula no desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem, com base nos conceitos e teorias walloniana. O procedimento metodológico adotado foram análises e revisões bibliográficas, contemplando o aspecto qualitativo, a luz do marco teórico de Wallon (1971), Almeida (1999, 2004, 2008), Galvão (1995) e Dantas (1992). Considerando a importância do estudo da afetividade na formação e nas práticas docente. Os resultados evidenciaram o papel fundamental que as manifestações da afetividade exercem no processo do desenvolvimento da aprendizagem, bem como, a influência da emoção nas relações entre professor-aluno como condição de melhorias nas ações pedagógicas.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Relações Interpessoais.

ABSTRACT

This article analyzes the importance of classroom affectivity in cognitive development and learning, based on Wallonian concepts and theories. The methodological procedure adopted was analysis and bibliographical revisions, contemplating the qualitative aspect, in light of the theoretical framework of Wallon (1971), Almeida (1999, 2004, and 2008), Galvão (1995) and Dantas (1992). Considering the importance of the study of affectivity in teacher training and practices. The results evidenced the fundamental role that the manifestations of affectivity exert in the learning development process, as well as the influence of the emotion in the relations between teacher-student as a condition of improvements in the pedagogical actions.

Keywords: Affectivity. Learning. Interpersonal Relationships.

¹Mestranda em Educação, Universidade Tiradentes, pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Gestão Políticas Públicas e Formação de Professores/GPGFOP/Unit/CNPq. Email: natalina.chaves@live.com

²Professora da Educação Básica, especializanda em Gestão e Pedagogia Empresarial, SEED-SE, PMA-SE, pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Gestão Políticas Públicas e Formação de Professores/GPGFOP/Unit/CNPq. Email: tauana_paulas@hotmail.com

³Pós-Doc em Educação, professora e pesquisadora Sênior da Universidade Tiradentes. Líder do Grupo de Pesquisa em Gestão Políticas Públicas e Formação de Professores/GPGFOP/Unit/CNPq. Email: adaaugustaeduc@gmail.com



INTRODUÇÃO

O presente estudo é parte do trabalho de conclusão de curso da graduação em Pedagogia que buscou refletir a relação da afetividade com o desenvolvimento cognitivo e da aprendizagem escolar de crianças, como possibilidade de melhorias tanto na qualidade das relações interpessoais na sala de aula (professor-aluno e/ou aluno-aluno) quanto nos demais meios sociais.

Diante dessas considerações algumas questões nortearam essa pesquisa, tais como: Quais as configurações da afetividade na sala de aula? Qual a sua relação com a construção da aprendizagem dos alunos? Como a afetividade pode influenciar na melhoria da relação entre professor e aluno?

Nesse sentido, foram realizadas análises e revisões bibliográficas a cerca das categorias afetividade, cognição, inteligência, emoções e relações interpessoais, no intuito de perceber suas influências na construção da aprendizagem. Nessa perspectiva este estudo recorreu às concepções e teorias de Wallon (1971), e de outros autores como Almeida (1999, 2004, 2008), Galvão (1995) e Dantas (1992) que refletem a respeito das categorias elencadas.

O papel do professor nesse contexto é evidenciado como elemento fundamental na construção dessa relação, considerando as complexidades e a fragilidade das relações familiares de muitos alunos no contexto contemporâneo, que trazem essa carência afetiva para as salas de aula. Compreender a influência da afetividade na relação do ensinar e aprender torna-se, portanto um aspecto relevante na formação docente. É imprescindível que o professor conheça o papel das emoções e intencionalmente ajude a superar aquilo que Almeida (1999) denomina como "circuito perverso" reagindo de forma equilibrada, entendendo a interferência que as relações afetivas e as emoções sofrem no decorrer dos estágios do desenvolvimento infantil, que para Wallon (1971), não se dá linearmente e por ampliação, mas por reformulação, instalando-se no momento da passagem de uma etapa a outra, crises que afetam a conduta da criança. Ressalta-se nesse sentido o papel das instâncias formadoras de professores.

Justifica-se esse trabalho por sua grande relevância e pertinência social no que se refere à contribuição nas discussões nos espaços formativos de professores, bem como, na ampliação das produções acadêmicas, e na difusão de conhecimento a respeito da temática abordada.



A CONCEPÇÃO WALLONIANA DE AFETIVIDADE

Henri Wallon dedicou grande parte de sua vida sobre o estudo das emoções e da afetividade. Identificou as primeiras manifestações afetivas do ser humano e suas características. Estudou, também, a grande complexidade que a afetividade e as emoções sofrem no decorrer do desenvolvimento, assim como suas múltiplas relações com outras atividades psíquicas.

Segundo a concepção walloniana, a personalidade humana é constituída basicamente por duas funções: a afetividade e a inteligência, sendo que o nascimento da primeira é anterior da segunda. Segundo o autor, enquanto a criança não possui o domínio da palavra, é o movimento afetivo que garante sua relação com o meio e com o mundo que a cerca.

A escola de educação infantil é um espaço privilegiado de contato com o outro e de construção de vínculos, em que a questão da afetividade aparece como fator primordial na relação entre as pessoas.

O recém-nascido, por uma questão de sobrevivência, relaciona-se primeiro com o mundo das pessoas. A base de antecedência da afetividade à inteligência está na maturação precoce de seus centros nervosos, os movimentos e os gestos de expressão aparecem desde o período pré-natal. E “desde o início são carregados de afetividade, tornando-se a base das mais variadas emoções” (ALMEIDA, 2004). Essa afetividade é expressa pelo tônus, descargas musculares, espasmos, reflexos, mantendo com o seu meio uma espécie de interação não verbal, uma mimica, a qual Ajuria-guerra (*apud* ALMEIDA, 1977), chama de “diálogo tônico” (diálogo, pois a criança se comunica, e tônica por ser a partir do tônus muscular).

Conforme se desenvolve a comunicação se diversifica, pois a palavra pouco a pouco vai substituindo o diálogo do toque pelo diálogo oral, esse, tornando-se um excelente mecanismo de negociação. O ouvir e ser ouvido no mundo infantil é de extrema importância. Um elogio feito em palavras substitui um carinho.

Portanto, a linguagem usada pelo educador para interagir com a criança é um instrumento afetivo importantíssimo, uma vez que pode contribuir com a expressividade da criança no mundo das imagens e dos símbolos. Diante disso, em sala de aula o diálogo passa a



ser um aspecto indispensável, sendo necessário que o educador haja com afetividade construindo uma relação harmoniosa com respeito e admiração entre professor e aluno.

Na evolução dos gestos afetivo da criança (do bebê) depara-se com os gestos mais diversos: impulso da raiva, medo e alegria. Seus primeiros comportamentos estão o pegar, apontar, sorrir e chorar. Faz todo o possível para chamar a atenção da mãe. Na escola por haver contato somente com pessoas que ainda não estabeleceu nenhum vínculo ou apego, ela se comportará de forma diferente e levará algum tempo para que se apegue a alguém, podendo se apegar a qualquer pessoa, mais possivelmente a coleguinhas ou ao professor. Assim a afetividade será uns dos principais alicerces para o desenvolvimento da relação, aluno-aluno e de professor-aluno.

Diz Almeida (2004) que na teoria walloniana, “a afetividade é o ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo”. E que a vida afetiva da criança depende do outro para se ordenar isso se inicia na interação alimentar com a mãe, sendo substituída posteriormente pela afetiva.

O meio familiar em que a criança está inserida é o seu primeiro ambiente de aprendizagem. É nesse meio que a criança aprende as primeiras habilidades sociais. Galvão (1995), por sua vez, afirma que a pessoa deve ser vista integrada ao meio da qual é parte constitutiva e no qual, ao mesmo tempo, se constitui. Percebemos assim que o meio social estabelece o comportamento futuro que a criança apresentará, portanto, a afetividade é o elemento construtor das relações vivenciadas na escola e mais particularmente na sala de aula, que possibilitará o amadurecimento da criança e influenciará na construção da identidade da mesma, onde irá realizar conquistas afetivas que constituirão a sua personalidade, tendo suas próprias particularidades, porém fazendo parte de um todo: a sociedade.

As bases da construção do eu se realiza com as conquistas afetivas, com diversificação dos meios e na construção de grupos.

Na análise de Wallon (1971), essa individualização se dá gradativamente percorrendo estágios de desenvolvimento. E isso não acontece em sequência linear e nem fixa, e nem um estágio suprime o outro, para o autor, o estágio posterior amplia e reforma o anterior, possibilitando a transformação do sujeito.

Vale destacar, que os estágios a que se refere são de suma importância para a educação, por compreender o desenvolvimento humano. O educador a partir dos estágios



pode elaborar atividades para o desenvolvimento do educando na aprendizagem, para colaborar de acordo com a predominância do afetivo e cognitivo.

Galvão (1995) concorda com Almeida (2004) quando afirma que a cada estágio uma manifestação afetiva diversa se constitui, observando-se progressos nas interações da criança com o seu meio próximo sendo cada vez mais fortes.

No espaço escolar isto é referenciado quando a criança já tem um laço afetivo com o professor, sendo o professor a primeira pessoa a quem a criança irá se apegar na escola. E esse apego faz parte do desenvolvimento afetivo e é através desse vínculo que a criança se sentirá segura necessitando da presença do professor, para assim, conseguir se soltar perante seus amiguinhos.

Na adolescência, ocorre à fase de transformação que atinge principalmente o campo moral das relações com outro indivíduo, com isso ele começa a questionar a si mesmo e a se auto-avaliar, começa a entrar em conflito com o meio que o cerca e acaba questionando os valores que lhe são impostos e suas relações sociais.

Nesse contexto, se observa que no cotidiano da sala de aula, situações de conflito aluno/aluno, aluno/professor são muito comuns. Tendo como motivos diversos fatores. Vale observar o propósito do professor em encarar esses conflitos como possibilidade de reflexão, permitindo ao aluno a análise das situações e das questões que o impulsiona a determinadas atitudes. Com isso, faz-se relevante destacar a visão construída por muitos professores de que quando falamos de afetividade estamos nos referindo apenas às manifestações de carinho. Nesta etapa de desenvolvimento o diálogo é mais significativo para estimular o interesse, a necessidade e a conscientização na relação ensino-aprendizagem e pode contribuir para a reciprocidade entre afetividade e aprendizagem.

Em se tratando de adolescentes é importante que a relação afetiva seja mais cognitiva, que se concretize considerando, ou seja, que a relação professor-aluno se dê como uma parceria afetivo-cognitiva, evidenciada através de uma linguagem onde haja espaço para o elogio, o incentivo e mesmo para a repreensão necessária, direcionada ao outro, como possibilidade de reflexão, conscientização e formação.

A escola constitui-se num espaço essencialmente educativo, cuja função principal é a de mediar o conhecimento, possibilitar ao educando o acesso e a reconstrução do saber.



Essa função está imbricada nas relações, pois a transmissão do conhecimento se dá na interação entre pessoas.

Assim, nas relações ali estabelecidas, professor/aluno, aluno/aluno, o afeto está presente. Um dos componentes essenciais para que esta relação seja significativa e represente uma parceria no processo ensino-aprendizagem, é o diálogo.

Pode se imaginar que afetividade tende a modificar a parte moral do indivíduo fugindo das interferências que a racionalidade é capaz de produzir, mas Wallon (*apud* ALMEIDA, 2004) faz questão de destacar que o desenvolvimento intelectual influencia a vida afetiva e vice-versa, afirmando que entre ambas, existe a mesma evolução.

A personalidade é uma construção progressiva, na qual se realiza a integração, segundo relações variáveis, de duas funções principais, a afetividade, por um lado, vinculadas as sensibilidade internas, e orientada para o mundo social, para a construção da pessoa; a inteligência, por outro lado, vinculada às sensibilidades externas, e orientada para o mundo físico, para a construção do objeto. Jalley (*apud* ALMEIDA, 1999, p.16).

Nesta perspectiva, inteligência e afetividade estão integradas. No entanto, o autor admite que, ao longo do desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o afetivo e fases em que predominam a inteligência.

Sendo assim, o professor precisa ter isso claro para elaborar e desenvolver atividades estimulantes, que tenha como objetivo o desenvolvimento da criança nos dois aspectos.

Numa visão mais abrangente, Wallon (1971), abordou a questão das emoções, que se constituiu numa teoria, não a privilegiando em relação à inteligência, mas apontando para a relação complementar existente entre ambas. Wallon (1971), nos alerta sobre a importância que o ser humano deveria dar aos dois aspectos da personalidade humana. Entretanto, ele enfatiza que esta não é uma tarefa muito fácil quando se enfrenta a natureza insubordinada da emoção. Segundo ele, para que se produza intelectualmente, é imprescindível não se submeter ao poder da emoção, pois isso afetaria a percepção de mundo real e conseqüentemente reduziria o nível da atividade intelectual do sujeito, em sala de aula a aprendizagem da



criança. É necessário tentar uma racionalização da situação emotiva, em casos de intensa reação emocional.

Portanto estudando emoções na sala de aula, é necessários ter clareza segundo esses autores que sentimento, emoção e paixão, estão sempre interligados. Para Almeida (1999) as emoções, uma das formas de afetividade é concretizada tanto pela cólera, medo, tristeza, quanto pela alegria. Wallon (1971) ressalva que a emoção em sua totalidade apresenta disposições orgânicas e sofrem influência do meio social. Desta forma, a emoção pode estabelecer uma revolução orgânica que ocorre através do próprio corpo, isto é, a sensibilidade exteriorizada pelas modificações nos gestos e na expressão facial. O corpo se torna tradutor das emoções para o meio social estabelecendo uma reciprocidade com outro.

Almeida (1999) afirma que no momento em que a criança se dirige à escola, carrega consigo todos os conhecimentos que já foi capaz de adquirir, bem como os prenúncios de sua vida afetiva.

De forma dialética estes aspectos se relacionam, interagindo de maneira expressiva sobre a afetividade do conhecimento. Desta maneira, a escola, bem como todos os responsáveis por promover a socialização, possui uma função de valor imensurável no desenvolvimento infantil. Deste modo, é fundamental que o professor saiba o significado e consequências das emoções para buscar quebrar o “circuito perverso”, que de acordo com Almeida, (ALMEIDA, 1999) o “circuito perverso” (significa se deixar contaminar pela emoção do outro) se instala quando o indivíduo não consegue reagir de forma equilibrada, racional, diante de reações emocionais alheias. O perigo de não reagir a este circuito está que uma vez instaurado, o sujeito torna-se mais vulnerável à ampliação das reações afetivas.

Em geral os professores demonstram ter dificuldade em lidar com as situações emotivas da sala de aula, o que é compreensível pela própria natureza da emoção. Conforme apontado por Wallon (1971), a emoção, por ser imprevisível, surge nos momentos de completa vulnerabilidade do indivíduo. Por não considerarem a imprevisibilidade, os indivíduos, ao se depararem com reações emocionais de outrem, ficam mais suscetíveis ao seu contágio e, conseqüentemente, passam a fazer parte do circuito perverso. (ALMEIDA, 1999, p.91)

Segundo Wallon estas emoções são possuidoras de características específicas como: a Plasticidade, que tem a capacidade de refletir no corpo os sinais da emoção, como por exemplo, rubor na face, tremor nas mãos, etc; a Regressividade, que é a capacidade que a emoção tem de fazer regredir ou não o raciocínio; e, o Contágio Emocional, expressa pelo



poder de contaminar o outro. A emoção tem um papel essencial na evolução do homem devido a estas características.

Nesse sentido, é necessário que o professor conheça esses mecanismos da emoção, para agir de forma corticalizada em sala aula evitando ser contagiada pela a emoção, conseguindo assim quebrar o circuito. A emoção precisa de plateia, e ignorar a sua dramatização são uma maneira de fazê-la sucumbir à razão, as crises emocionais tendem a perder a sua força.

Portanto, estudar a afetividade pode servir ao professor como um suporte necessário a sua atuação. A sala de aula é considerada pela teoria walloniana como uma grande oficina de convivência, em que o professor é o responsável pela intermediação das relações. Assim, possibilitar as relações afetivas em sala de aula é função pedagógica, e faz parte do que defendemos ser papel do professor.

OS EFEITOS DA AFETIVIDADE NA SALA DE AULA

Para Almeida (2004), em ambientes infantis, nas relações familiares, devem saber lidar com as relações afetivas, pois são espelhos de imitação e oposição, além disso, um ambiente equilibrado proporciona equilíbrio emocional. A escola é a instituição encarregada de oferecer esses meios à criança como conhecimentos, técnicas e instrumentos necessários para realizar suas ações, e o professor, é o mediador desse desenvolvimento.

Pode-se dizer que a escola exerce um papel fundamental no desenvolvimento socioafetivo da criança. Segundo Almeida (2004) diz que a escola, como meio social é um ambiente diferente da família, por ser diversificado, com muitas interações, permite desenvolver relações com seus pares e com adultos, promovendo o desenvolvimento da criança. Ao contrario da família, na qual sua posição é fixa, na escola ela dispõe de uma mobilidade, sendo possível a diversidade de papeis e de posições. Dessa forma, o professor e os colegas são interlocutores permanentes tanto do desenvolvimento intelectual como do caráter da criança, o que poderá ser preenchido individual e socialmente.

Almeida (2004) faz uma crítica aos programas de escolas publicas e privadas, que privilegiam os aspectos cognitivos ao afetivo, o que é fruto de uma deturpação de perspectiva.

A sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam, e a infância é a fase emocional por excelência. Como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos e situações que provocam os mais variados



tipos de emoção. E, como é impossível viver num mundo sem emoções, ao professor cabe administrá-las, coordená-las [...]. O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitador do conhecimento. É necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis (ALMEIDA, 2004, p.103).

É imprescindível que o professor interaja com os alunos, buscando descobrir seus motivos e compreendê-los. Assim, é preciso dar espaço para que a criança expresse seus próprios sentimentos, sem por isso ser julgada, ajudando a expressá-los de maneira social aceitável. É através das diversas interações, escola, família, professor e aluno, que a criança ampliará suas experiências e as quais contribuirão na construção da sua personalidade. Neste sentido pode-se dizer que a emoção é essencial ao indivíduo e a afetividade é o combustível das ações provocadas pelas emoções.

Ao professor, na raiz do pensamento walloniana há uma especificidade assinalada: ele é o eixo da atividade pedagógica. Como transmissor do conhecimento, a ele cabe ser um arguto observador e articulador dos aspectos afetivo e intelectual, ambos inseparáveis e presentes na atividade pedagógica.

Galvão (1995) afirma que a afetividade para Wallon ocorre de acordo com estágios que ele propõe para entender o desenvolvimento humano. De acordo com Almeida (2008), diz que segundo a classificação de Wallon (1956e/1959), são seis os estágios do desenvolvimento infantil.

Assim, segundo a autora, no estágio da impulsividade motora inicia com o nascimento e vai até mais ou menos os terceiro mês. Apresenta duas características básicas: a autonomia respiratória conquistada com o nascimento, e, a dependência da mãe que inclui desde a satisfação de suas necessidades alimentares até a mudança de posição.

Conforme Almeida (2008), o estágio emocional, inicia por volta do quarto mês e finaliza no primeiro ano, estão presentes dois momentos: a impulsividade motora e o emocional. A criança nessa fase está voltada para construção do eu.

O estágio sensório-motor e projetivo inicia no final do primeiro ano e prolonga-se até terceiro ano caracterizado pela investigação e exploração da realidade exterior, bem como pela aquisição da aptidão simbólica, pelo início da representação e aquisição da linguagem, ou seja, é o momento em que a inteligência humana se dedica à construção relativamente à realidade.



Já o estágio do personalismo, dos três aos seis anos de idade, como o próprio nome sugere, este estágio está voltado para a pessoa, para o enriquecimento do eu e a construção da personalidade, vai de três a seis anos de idade. A afetividade é marcante neste estágio, na verdade, é o fio condutor do desenvolvimento. A criança aprende a perceber o que é de si e o que é do outro.

O estágio categorial inicia a partir dos seis ou sete anos de idade, finalizando aos onze ou doze, ele traz importantes avanços no plano da inteligência. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança, para o conhecimento e conquista do mundo exterior, imprimindo as suas relações com o meio, uma maneira preponderância do aspecto cognitivo do ser humano, nesta etapa da vida.

Conforme as autoras, o estágio da adolescência, que inicia a partir dos 12 anos de idade, finalizando com a idade adulta, nesse estágio a crise pubertária rompe a “tranquilidade” afetiva que caracterizou o estágio categorial e impõe a necessidade de uma definição dos contornos da personalidade desestruturados devido às modificações corporais resultantes da ação hormonal.

Para Wallon (1971), a afetividade constitui em cada estágio um tipo de manifestação afetiva em virtude das necessidades e possibilidades maturacionais. Conclui-se então que as expressões da afetividade vão se especializando, tornando cada vez mais fortes as interações sociais.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

É importante pensar no educador como um ser total, com sua identidade profissional associada a sua identidade pessoal, concepções, crenças, valores e projeto de vida, como ele chegou a ser educador, como é ser educador e de que forma esse percurso influencia suas ações. Este conjunto de pensamentos e sentimentos reflete-se na atuação desse profissional, influenciando diretamente nos laços afetivos que desenvolve no decorrer da prática.

O educador deve manter um relacionamento afetivo com seus alunos para que a aprendizagem possa ocorrer de forma mais espontânea, principalmente, na educação infantil, pois as crianças deixam seu lar, suas famílias para ficar a maior parte do tempo na escola,



assumindo um novo papel, passando a seguir regras, assumindo tarefas e, principalmente, reconhecendo suas capacidades e respeitando a si próprio mediante o outro.

A escola pode tornar-se um meio propício para a edificação do eu, na medida em que possibilita a criança experimentar relações simétricas com os mais variados tipos de grupo. Acreditamos, como próprio Wallon, que é na relação com o outro, nas trocas e interações que se estabelecem entre os sujeitos, que ocorrem os prelúdios da delimitação do eu (ALMEIDA, 1995, p.105).

A autora ressalta que a criança consegue fazer essa distinção com o outro, e a escola é o espaço para isso acontecer com mais facilidade, onde aflora a sua personalidade. Entre outras coisas, o que distingue o meio familiar do meio escolar são a natureza e a diversidade das relações que os constituem.

É indiscutível a relevância tanto da família quanto da escola no desenvolvimento da criança. E nessa reciprocidade de responsabilidades é que devem estabelecer relações específicas, pois Wallon deixa claro que não se deve utilizar como modelo para as interações que o indivíduo venha estabelecer em sua vida, as relações familiares, mesmo que essa pareça ser a ideal.

Portanto, diz a autora, que não se devem igualar as relações do par mãe-filho à de professor-aluno, que são funcionalmente distintas, a autora afirma ainda, que Wallon, condena a reprodução dos modelos familiares na escola, pois cada meio, com suas interações diversas, tem sua parcela de contribuição no crescimento da criança. A relação professor-aluno, por ser de natureza antagônica, é riquíssima para o crescimento, e os conflitos dessa relação desigual são importantíssimos para a personalidade da criança.

Muitas vezes, a escola procura manter relações idênticas as do meio familiar, em defesa de um ambiente “acolhedor”, assim, a escola é vista como a continuação da família, e a professora, como a substituta da mãe.

Para a autora, essa proximidade com o ambiente familiar, caracterizando a escola como um espaço de continuidade da família, e, as professoras, indistintamente em sala de aula sendo chamada de tia, expressa na professora uma atitude de assumir o papel caricaturado de mãe, como se a relação professor-aluno não pudesse ser uma relação afetiva, só existindo afeto nas relações de mãe-filho ou tia-sobrinho.

Dantas (1992), diz que a escola constitui-se num espaço essencialmente educativo, cuja função principal é a de mediar o conhecimento, possibilitar ao educando o acesso e a reconstrução do saber. Pois, a transmissão do conhecimento se dá na interação entre pessoas.



Assim, nas relações ali estabelecidas, professor/aluno, aluno/aluno, o afeto está presente. Um dos componentes essenciais para que esta relação seja significativa e represente uma parceria no processo ensino-aprendizagem, é o diálogo.

Corroborando nesse sentido Almeida (2004), ao afirmar que relações afetivas caracterizadas de “afetuosas”, existe aí uma fragilidade na noção de afeto, porque, normalmente é considerada relação afetiva, apenas as manifestações que envolvem contato físico, desconsiderando-se as necessidades de um afeto mais cognitivo. Para a autora, geralmente, revela-se afeto através do que poderíamos chamar de “lambe-lambe”, limitando-se a beijos e abraços. Sendo assim, o professor desconhece que afetividade evolui, ou seja, que à medida que a criança se desenvolve cognitivamente, as necessidades afetivas tornam-se mais exigentes. Portanto, passar afeto não é apenas abraçar e beijar inclui também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança, e de acordo com a idade é importante às expressões afetivas exercer uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem. Nutrindo cognitivamente essa relação. Como exemplo, o adulto, que fica feliz e estimulado, ao ser admirado, ao receber um elogio. Também para a criança na fase da escola, mesmo mantendo-se o contato corporal como forma de carinho, falar da capacidade do aluno, elogiar o seu trabalho, reconhecer seu esforço, constitui-se formas cognitivas de vinculação afetiva.

Por fim, o desenvolvimento da inteligência implica no desenvolvimento da afetividade. Essa parceria é conseguida mediante a reciprocidade entre ambas no início da vida. Portanto, Almeida (2004), conclui dizendo, “assim, sobre movimentos pendulares, as evoluções afetivas e intelectuais são fielmente comungadas”. Nota-se, desse modo, que assim como a inteligência, a afetividade também evolui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo proporcionou o conhecimento de quanto às manifestações de afetividade exercem um papel fundamental no processo do desenvolvimento infantil.

Sendo assim, Wallon nos confere uma contribuição importante para se pensar a aprendizagem no âmbito escolar a partir da importância que atribui à afetividade no processo de formação do indivíduo.

A afetividade faz parte de todas as relações humanas. Portanto, na escola e na sala de aula é imprescindível que o professor conheça e diferencie as manifestações da afetividade,



para que se possa intervir com coerência a cada circunstância, sem muitos prejuízos tanto ao professor quanto ao aluno. A compreensão da emoção na criança deve ser entendida em relação à emoção do adulto e vice-versa. Evitando assim ser levado ao chamado circuito perverso.

Conclui-se que existem transformações importantes nas formas de expressão e mudanças significativas nos níveis de exigência afetiva, conforme a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão ganhando complexidade. Adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornecer meios para que realize a atividade confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às suas dificuldades e problemas, são maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva. Essas novas formas de interação e troca afetivas proporcionam a construção da autoestima e da autoconfiança, influenciando diretamente no processo de aprendizagem. Da mesma forma, proporcionando sentimentos de compreensão, aceitação e valorização do outro. As trocas afetivas positivas em sala de aula nas relações professor-aluno e aluno-aluno, não só marca positivamente o objeto de conhecimento, como também favorece a autonomia e fortalece a confiança dos alunos em suas capacidades e decisões, colaborando na melhoria da aprendizagem e conseqüentemente na qualidade da educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva **A Emoção na Sala de Aula**. São Paulo: Papirus, 4ª edição, 2004.

_____. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

_____. **A Vida Afetiva da Criança**. Maceió-AL: EDUFAL, 2008.

DANTAS, Heloisa. **Wallon - Teorias Psicogenéticas em Discussão**. 13. Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FAZENDEIRO, Samuel Rodrigues. **Motivação e afetividade nas relações de aprendizagem: pensar a educação física e seu ensino**. Universidade Federal de Minas Gerais Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. 2010. (Trabalho Monográfico apresentado ao curso de Educação Física).

WALLON. Henri, **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, 70 ed. 1971.



WINTER, Lilian. **A emoção na interação da criança de 02 a 04 anos de idade**: um estudo sobre o desenvolvimento em situação de brincadeira espontânea. Universidade do Vale de Itajaí Centro de Educação de Ciências da Saúde. 2006. (Trabalho Monográfico apresentado ao curso de Psicologia).